

deus da guerra  
série legado dos deuses, livro seis  
rina kent

Tradução de Célia Correia Loureiro

Ao fim de uma era.





## NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor,

*Deus da Guerra* marca o fim da série Legado dos Deuses e do Rinaverse, até notícia em contrário. Este foi o livro mais agridoce que já escrevi. Estive entusiasmada durante todo o processo, mas não pude deixar de sentir uma pontada de tristeza ao pensar em despedir-me destas personagens tão intensas.

O Eli e a Ava apossaram-se de mim, de corpo e alma, e espero que sinta o mesmo ao ler a jornada dos dois.

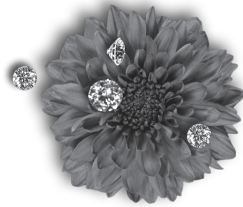
*Deus da Guerra* é um livro totalmente independente. No entanto, como esta história se passa na sequência temporal dos cinco livros anteriores da série, é possível que revele alguns dos seus acontecimentos.

Se ainda não leu os meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias mais sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Os meus livros e personagens principais não são para os mais sensíveis.

Este livro não é tão sombrio quanto os outros, mas aborda temas delicados. Para sua segurança, vou listá-los abaixo; contudo, se não tiver gatilhos, salte o parágrafo seguinte, uma vez que contém revelações cruciais sobre o enredo.

*Deus da Guerra* aborda questões de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade, estados de fuga e amnésia dissociativa. Há a descrição de uma tentativa de suicídio, estados mentais debilitados e violência. No início, a personagem principal luta contra o alcoolismo e há alusões a consumo de drogas. Certifique-se de que conhece os seus gatilhos antes de prosseguir.

Para mais informações sobre Rina Kent, visite [rinakent.com](http://rinakent.com).

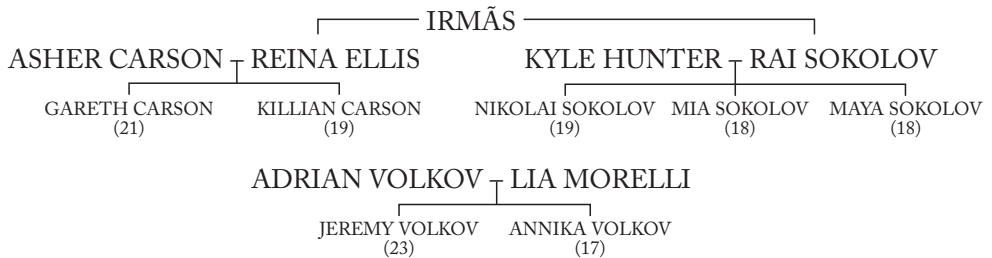


# ÁRVORE DO LEGADO DOS DEUSES

## UNIVERSIDADE ROYAL ELITE



## FACULDADE KING'S U





## **PLAYLIST**

*Don't Fear the Reaper* — Baltic House Orchestra  
*Breathe* — Lø Spirit  
*Time* — MISSIO  
*BLEAK* — Michael Aldag  
*I Like Me Better* — Lauv  
*Misery* — Unlike Pluto  
*oUcHiE (medium)* — Mitchel Dae  
*Nothing's New* — Rio Romeo  
*Escapism* — RAYE & 070 Shake  
*Blind Spot* — Saint Chaos  
*PARALYZED* — Death and All His Friends  
*You Make Me Feel Like It's Halloween* — Muse  
*Broken Smile* — Lil Peep  
*Goddess* — Xana  
*Half My Heart* — grandson  
*Feel Something* — Jaymes Young  
*Church* — Chase Atlantic  
*Spell It Out* — You Me At Six

Pode encontrar a *playlist* completa no *Spotify*.





**UM**

*Ava*

**U**ma mistura alcoólica intragável, a última droga no mercado e uma sensação de euforia percorrem-me o corpo enquanto me movo ao ritmo da música alta.

Aqui, sinto-me bem.

No meio das restantes almas perdidas, vazias por dentro, não me sinto diferente.

Nada de pressões. Nada de talento desperdiçado.

Nada de imagens perturbadoras.

Nada.

Exatamente como gosto.

Levo o *shot* duplo de tequila aos lábios e engulo metade. O sabor amargo assenta na minha língua, e no seu rasto surge um travo que me reveste a boca. Mas também me traz um arrepio de excitação e de abandono irracional. A queimadura desce pela minha garganta e junta-se de forma incomodativa à dose infeliz de calmantes com que atestei o estômago.

A solução? Arranjar mais álcool, drogas, e tudo aquilo a que consiga deitar as minhas mãos sujas.

Alguma coisa. Qualquer coisa que atenuo o peso das imagens que me têm ocupado a mente nos últimos tempos.

Rostos indistintos com vozes indistintas em discotecas indistintas.

Tudo para não ser recordada do meu estado de espírito ou da alhada em que me meti recentemente.

Por isso, prefiro varrer tudo para debaixo do tapete e fingir que está tudo bem.

Normal.

Para esta ocasião, os meus amigos escolheram uma discoteca no Norte de Londres que está nas bocas do mundo. As paredes de tijolo encardidas reluzem numa miríade agradável de tons de azul.

Feixes de luz *laser* lilás brilham sobre a multidão no salão gigantesco do piso inferior. Temos uma sala VIP no piso de cima, mas vale sempre a pena descer e experienciar a decadência.

Quanto mais decadente, melhor.

Acabei de levantar o copo de tequila a meio quando uma mão esguia com unhas de um tom de pêssego leitoso mo arrancam, deixando-o fora do meu alcance. Estou prestes a disparar um palavrão quando os meus olhos se cruzam com o seu olhar verde tranquilo. Sinto imediatamente o peso do seu julgamento e uma quantidade copiosa de amor incondicional.

— Cecy! — grito, por cima da música, a voz a soar surpreendentemente sóbria. — O que fazes aqui?

Está a usar um vestido bonito cor de laranja-pastel, com alças finas. O cabelo prateado encontra-se repuxado num rabo de cavalo delicado e o rosto está mais luminoso do que nunca.

Não deixo de reparar em como agora se sente confortável de vestido, quando sempre foi uma miúda que preferia calças e *t-shirts*.

Ou em como aplicou um toque subtil de maquilhagem. Quer sentir-se bonita. Tem mais amor-próprio.

E, para meu embaraço, isso não se deve a nada que eu tenha feito ou para o qual tenha, sequer, contribuído. Demorei demasiado tempo a perceber que havia alguma coisa de errado. Podia atribuir as culpas ao meu estado, mas não é desculpa. Não quando pude contar sempre com ela.

— Já bebeste o suficiente, Ava.

— Como assim? Ainda nem comecei. — Estendo a mão para o copo, mas ela esconde-o atrás das costas.

— Nem pensar. — Ela agarra-me pelo cotovelo e começa a puxar-me para longe da multidão onde me havia refugiado com prazer.

Começam todos a disparar perguntas em enxurrada:

— *Vais voltar, Ava?*

— *Vens connosco a Ibiza, Ava?*

— *Sei de um mexerico que nem imaginas, Ava.*

*Ava, Ava, Ava...*

Adoro a atenção, os olhares vorazes, a necessidade irresistível de satisfazerem todos os meus caprichos, necessidades, exigências.

Sopro-lhes beijinhos e pisco o olho a alguns dos rapazes, cujos nomes mal consigo recordar.

Faz tudo parte do meu mecanismo de defesa. O charme, a imagem, a popularidade.

Sou o que quiserem que eu seja: um namorico. Uma *socialite*. Um prodígio inútil.

Qualquer coisa. Tudo.

Desde que possa monopolizar a atenção deles, pouco me importa.

A atenção mantém o vazio à distância.

Acima de tudo, estes elogios exagerados e toques não-propriadamente-ino-centes expulsam os maus pensamentos.

Ainda que só por um bocadinho.

A Cecily, a minha melhor amiga, larga o *shot* de tequila numa mesa e continua a abrir caminho pelo meio da multidão, comigo a reboque.

Dou-lhe um puxão na mão, obrigo-a a parar e abraço-a pelo pescoço, balançando-me ao ritmo da música estridente.

— Vá lá, vamos dançar!

— Isto não é a minha praia, Ava.

— Por favor, Cecy. Por mim? — Bato as pestanas e faço-a rodopiar.

Ela suspira e move-se devagar, sem corresponder minimamente ao meu entusiasmo. Balanço as ancas e o cor-de-rosa ofuscante do meu vestido reflete as luzes frenéticas. A saia é tão curta que as pessoas atrás de mim devem conseguir admirar-me claramente o rabo.

Uns tipos assobiam, e eu atiro-lhes beijos, lançando a cabeça para trás às gargalhadas, cedendo à embriaguez. À loucura.

Ao vazio.

Alguns rapazes começam a rodear-nos e a Cecily fica tensa, as suas mãos envolvendo-me a cintura num gesto protetor.

No passado, costumava levar esta mudança subtil com ligeireza, mas agora já não. Desta vez, sou eu que afasto o enxame de abelhas; depois, arrasto a minha amiga ao longo de um corredor que conduz às casas de banho.

As paredes escuras estão decoradas com sinais encardidos de Londres, a luminosidade vermelha a projetar um brilho quente num espaço que, de outro modo, estaria na penumbra.

O caos diminui um pouco atrás de nós, a música soa um pouco mais baixa e a Cecily deixa escapar um suspiro quando se apoia na parede.

— Pronta para ir para casa? — pergunta devagar, quase esperançosa.

— Sabes bem qual é a resposta a isso. — Belisco-lhe a face. — Podes ir. Eu sei que não gostas de sair à noite.

— Nem sonhes que vou deixar-te aqui sozinha quando estás bêbeda, Ava.

Esta discoteca fica no meio de nenhures e dá-me arrepios. Não faço ideia do que vieste fazer aqui tão longe.

— Quis variar um bocadinho, fugir ao Soho. Estou aberta a aventuras.

— De certeza que isto não tem a ver com a tua última participação na competição internacional de violoncelo?

Uma dor fantasma aperta-me o peito, mas mostro-lhe o meu melhor sorriso.

— *Nope*. Se calhar, não fui feita para a música clássica e devia antes apostar em ser DJ. Aliás, é muito mais divertido.

— Ava... — É interrompida por um grupo de raparigas embriagadas que nos afastam para abrir caminho, aos risinhos e encontrões, até à fila para a casa de banho.

A Cecily segura a minha mão entre as suas.

— Queres comprar umas porcarias para comer e vemos *O Diário de Bridget Jones* outra vez?

— Não tens um namorado com quem precisas de, sei lá, mudar-te para Nova Iorque?

Talvez esteja a ser azeda, mas sei que não tenho esse direito. Sempre achei que a Cecily era a minha alma gémea. A minha pessoa. Minha irmã. A única pessoa que estaria sempre ao meu lado.

Mas isso foi antes de eu me aperceber de como era dependente dela. De como isso a prejudicava. Ela cuidou de mim em todas as minhas aventuras com a bebida. Assegurou-se de que eu estava a salvo e de mente sã, limpou-me a testa depois de eu vomitar, para depois me abraçar até eu adormecer. Ouviu os meus disparates e deixou que invadissem o seu espaço, sem reclamar.

Depois de ter encontrado o amor da sua vida, e de ele ter dito que eu estava a aproveitar-me da boa vontade dela sem dar nada em troca, odiei-o.

Achei que desprezá-lo fazia todo o sentido. Ele está com a minha melhor amiga, e ninguém merece a minha melhor amiga. Mas não, a razão pela qual eu detestava o Jeremy era porque ele me acusou da verdade que eu me recusava a ver.

Ele estava certo. Eu precisava da Cecily para tudo. Era demasiado carente. Demasiado infantil. Uma confusão de proporções épicas, se quiserem. Mas a Cecily não tem o dever de me manter à tona.

E foi por isso que fiquei calada quando ela disse que ia mudar-se com o tal namorado para os Estados Unidos, mesmo que isso me mate por dentro.

Acabei de cometer um deslize. É culpa do álcool.

Mordo o lábio inferior com tanta força que fico surpreendida por não começar a jorrar sangue.

— Então, afinal, não estás assim tão bem resolvida quanto a isso? — Ela observa-me atentamente. — Eu sabia. Espanta-me que não tenhas feito uma birra.

— Estou só a brincar — minto, com todos os dentes. — Vai viver a tua vida, Cecy.

— Posso ficar mais umas semanas.

— Não. Não adies a tua vida por minha causa.

— Não és um fardo. — Ela agarra-me pelos ombros. — Estou preocupada contigo. Tipo, mesmo, *mesmo*, preocupada. Andas a beber demasiado, já começa a parecer um vício. Não tens tomado os medicamentos com regularidade, e parece que tens cada vez mais tendência para cair nestes comportamentos destrutivos.

— Chama-se curtir a vida.

— Aceitar comprimidos esquisitos da mão de desconhecidos não é curtir. É uma tendência suicida.

— Não são desconhecidos. São amigos.

— Mas não lá muito bons. — Ela suspira. — Não sou a única que está preocupada contigo, Ava. Os teus pais também estão. É verdade que nunca mais falaste com eles, desde que saíste do salão da competição?

— Mandei mensagem. — A minha voz congela, e engulo com dificuldade; depois expiro profundamente, para libertar a tensão.

— E achas que é suficiente?

— De momento é. — Não confio que consiga falar com os meus pais sem desabar. Tive três ataques de pânico em três dias. Sei que estou em queda livre e que se aproxima uma crise grave, mas ninguém precisa de saber. Muito menos a Cecy, que finalmente encontrou a felicidade que tanto merece. Se ela se aperceber deste problema, vai cancelar a ida para os Estados Unidos, e eu não posso continuar a prejudicá-la.

— Vou tomar os medicamentos a horas e reduzir no álcool. Juro. — Pouso a cabeça no ombro dela, para que não veja a mentira descarada nos meus olhos. — Mas só se me ligares todos os dias por *FaceTime*, durante pelo menos três horas...

— Juras?

— Juro. — Afasto-me com relutância e espeto o queixo na direção oposta. — Agora, vai ter com o teu homem e faz a tua magia antes que ele mate os tipos que se aproximaram de nós na pista de dança.

Os seus olhos iluminam-se e o corpo dela reage a um homem alto e largo com os braços cobertos de tatuagens. Uma personalidade em tudo oposta à dela. E, imaginem só, é *mesmo* um príncipe da Máfia Russa de Nova Iorque.

O Jeremy tem-nos dado algum espaço, mas está a seguir-nos desde o início. Tipo, para todo o lado. Tenho a certeza de que a única coisa que o impede de estar colado à Cecily é ela ter-lhe pedido para nos dar algum tempo a sós.

Apesar de se encontrar do outro lado do espaço, a sua atenção está totalmente concentrada nela. Os seus olhos escuros cruzam-se com os dela e, nessa fração de segundo, não vejo um sacana assustador, cuja fama põe os outros a milhas. Vejo um homem que ama a minha amiga com a mesma intensidade com que ela o ama. Um homem capaz de virar o mundo do avesso só para a proteger.

— Queres uma boleia nossa? — sugere ela, arrancando o olhar ao dele com evidente esforço.

— Vim de carro.

— Mas estás bêbeda.

— Só bebi meio *shot*, e tiraste-mo antes de poder beber o resto. Estou totalmente sóbria.

— Não, não estás.

— Então chamo um *Uber*.

— Não é lá muito seguro.

— Peço ao motorista do meu pai para vir buscar-me. Assim já é seguro?

— Enfim. Preferia que fôssemos nós a levar-te a casa.

— Eu fico bem.

— De certeza?

— Vai lá, antes que o Jeremy me odeie ainda mais por ousar roubar o teu tempo.

— Desde quando é que te preocupas com o que ele pensa de ti?

— Não me preocupo. Mas preocupo-me contigo, e tu amas esse parvalhão, por isso tenho de o aguentar.

Ela dá-me um abraço apressado.

— Adoro-te. Amanhã vemos *O Diário de Bridget Jones*, combinado?

— Combinado.

— Mandas mensagem quando chegares a casa?

— Sim, mamã. — Faço-lhe continência.

Ela sacode ligeiramente a cabeça antes de avançar na direção do Jeremy. A Cecily arrisca um último olhar para mim, as sobranceiras de repente unidas, e consigo perceber que está a ponderar ficar ou obrigar-me a ir para casa mais cedo, como uma avó.

Faço-lhe o meu melhor sorriso falso e mando-lhe beijos. Antes que ela possa mudar de ideias, o Jeremy aparece-lhe à frente, como uma montanha. Desliza a mão para o fundo das costas num gesto subtil de posse e dá-lhe um beijo rápido, mas apaixonado, que a faz esquecer a minha existência.

Contudo, dura só um instante, porque ela continua a olhar para mim enquanto ele a leva para fora do clube, afastando todas as atenções indesejadas.

Ela merece isso e muito mais. Se há alguém no mundo que merece ser feliz e ter um homem que se ilumine apenas na sua presença, é a Cecily.

Tenho um bocadinho de inveja do que ela tem, mas, uma vez mais, para ter algo assim é preciso sermos tão abnegados e termos um coração tão puro quanto ela.

Inocente, talvez.

Com menos problemas mentais.

Mais... normal.

Por isso, para mim não faz sequer sentido sonhar com o que ela tem — com o que todos os meus amigos têm.

Arranco um copo da mão de um homem que vai a passar, bebo-o de um trago e quase tenho um ataque de tosse.

Uísque. *Blec*.

Mesmo assim, sou uma pessoa educada. Por isso, beijo o dedo e pouso-o nos lábios dele, em jeito de agradecimento enquanto volto para a pista de dança.

Mais uma hora.

Ainda não estou pronta para enfrentar o vazio que virá depois.

Se estiver suficientemente bêbeda, talvez me esqueça por um bocado.

Escape um bocado.

Viva um bocado.

Em menos de nada, estou rodeada de pessoas. Algumas são amigos e colegas da escola de artes. Outras são rostos novos.

Para mim, quanto mais gente, melhor.

Estamos em férias académicas, e é o último ano. A Cecy já se formou, e a Universidade Royal Elite não tem piada sem ela. Se não estivesse verdadeiramente aterrorizada com a ideia de voltar para a casa dos meus pais e de que eles me vejam de perto, ferida e exposta, teria pedido transferência para uma universidade em Londres.

Enfim.

Ainda bem que não vim aqui para pensar.

Deslizo os dedos pelo meu cabelo louro comprido, levantando-o para exhibir as costas nuas, enquanto sigo a música com movimentos sensuais.

Sinto mãos quentes a pousarem na pele exposta dos meus flancos, mas afasto-as com trejeitos animados.

— Podes ver, mas não podes tocar, Ollie — arrulho por cima da música.

Para ser sincera, não estou certa de que ele tenha ouvido, ou sequer de

que se rale, porque continua de olhar fixo na sugestão do meu decote, e é evidente que está a comer as minhas pernas longas, os ombros nus e todo o resto com olhos ávidos.

Um vestido perfeito, na minha humilde opinião.

A faixa em redor do pescoço segura-o no lugar, e a saia microscópica mal me tapa o rabo. A partir dos *stiletto*s, tiras semelhantes a cobras serpenteiam pelas minhas pernas num cor-de-rosa lindíssimo, cheio de brilhantes.

— Estás em dívida para comigo, por causa de há pouco — diz o Oliver, enquanto dança comigo dentro do ritmo, os seus movimentos a espelharem os meus, cada gesto, cada pestanejar.

— Sim? — Finjo timidez. — Quanto?

— Sou caro.

— Não és mais caro do que o meu fundo fiduciário, Ollie. — Cutuco com os dedos a base do seu queixo, percorrendo-lhe a pele com unhas rosa-metali-zado, e reparo em como dilata as narinas. — Além disso, sabemos os dois que não estás a pensar em dinheiro como moeda de troca.

— Será que acertei?

— Talvez?

O Oliver tem uma beleza clássica — rosto quadrado, olhos claros, cor de avelã, e cabelo de um louro que lembra areia. Tenho quase a certeza de que me esfreguei nele há umas noites, quando ele me deixou em casa.

Ele não gostou do facto de não se ter aliviado, mas continua a vir atrás de mim, por isso, se me apetecer, talvez leve as coisas até ao fim.

O Ollie geme quando movo as ancas.

— Estás a dar cabo de mim, Ava.

— Eu sei. — Solto uma gargalhada, o som a ser engolido pela música alta antes de morrer de repente.

Um relancear.

Não, um olhar fulminante.

Fico refém de uns olhos frios, calculistas e totalmente destrutivos.

Como já aconteceu um milhão de vezes.

E, como dessas vezes, a minha apreensão não diminui nem um pouco. Quando muito, estou agora consciente dele de forma muito mais atrevida. Sufocante.

É impossível perceber a partir de onde estou a ser observada quando ele não se deixa ver. No entanto, quer o veja ou não, estou incrivelmente ciente da sua presença.

Como um parasita. Ou, mais precisamente, uma câmara de videovigilância ultramoderna focada apenas em mim.

O suor começa a causar-me um formigueiro nas costas, e sinto a pele a aquecer a vários níveis.

Por instinto, a minha mão abandona o rosto do Ollie, e os meus movimentos abrandam enquanto perscruto os cantos da discoteca. É aí que paira, como uma sombra, mestre e senhor das sombras.

Um maldito espectro.

Vejo-o. Mas preferia não ver.

O Eli King está junto ao bar, inclinado para trás de forma pouco galante, uma mão a acomodar uma bebida e a outra enfiada no bolso das calças pretas engomadas. Tem sempre alguma peça preta. Como um duque gótico num castelo longínquo. Um passo à frente do Drácula e o tutor preferido de Satanás. Combina com o seu maxilar bem definido, as maçãs do rosto altas e o mau carácter.

A camisa branca impecavelmente engomada realça-lhe os ombros largos e a figura esguia e musculada. Os punhos estão ligeiramente dobrados, revelando um relógio *Patek Philippe* tão caro que poderia subornar toda a gente dentro da discoteca. Eu sei porque fui eu quem comprou o relógio. Deu merda com o meu pai, por causa de eu gastar demasiado, e tal. Há sete anos, implorei à minha avó que me levasse à Suíça, ao encontro de um mestre relojoeiro reformado, e tive de passar semanas a implorar-lhe para fazer esta edição especial.

Mas o Eli não sabe desse pormenor. Fiz a tia Elsa oferecer-lho e jurar que nunca lhe diria que ia da minha parte. Por isso, ele acha que foi um presente da mãe pelo seu vigésimo aniversário, e deve ser por isso que o usa sempre.

Apesar das sombras, do caos, do barulho, e da infinitude de pessoas a separar-nos, consigo vê-lo bem. Demasiado bem. Como se o mundo fosse transparente e ele fosse o único ser tangível nessa neblina.

O Eli King tem sido a minha desgraça desde que descobri o significado da palavra.

A minha némesis.

O único homem imune aos meus encantos.

Quando muito, ignora-os com uma indiferença fria. Como neste preciso instante.

Os olhos dele emanam uma escuridão sem limites, e o seu cinzento tempestuoso nunca escala para raiva ou revolta. Nunca se desvia da frieza que experienciei no dia em que ele me partiu o coração em mil pedaços e os esmagou.

*Dá meia-volta e poupa-me à tua presença desagradável, assim talvez eu possa fingir que não ouvi essa declaração embaraçosa.*

Tantos anos depois, as palavras dele continuam a ferir-me. Quem diz que o tempo cura tudo nunca conheceu o Eli King.

Ele é pior do que uma ferida infetada que se recusa a sarar, e mais violento do que uma guerra sem fim à vista.

Por outro lado, esse meu lapso terrível fez com que os meus sentimentos por ele se virassem do avesso. Era cega, mas, agora, abomino-o simplesmente.

Quero deixá-lo irritado.

Arrancar-lhe um sentimento qualquer, perturbar o seu dia e destruir a sua vidinha cuidadosamente organizada.

Ele observa-me e eu devolvo-lhe o olhar, imperturbada, ainda que esse gesto gélido me queime, me desfaça em bocados, mas jamais voltarei a dar parte fraca diante desse convencido.

A sentir mais vontade de morrer do que de costume, graças aos meus falhanços monumentais e, possivelmente, ao *cocktail* de substâncias, agarro na mão do Ollie e volto a pousá-la nos meus flancos despidos.

Não sinto a pele a incendiar-se. Não começo a suar nem experimento nenhum erotismo misterioso.

Mas é bom.

Passo os braços em redor do pescoço do Ollie e danço a um ritmo mais lento, provocadora, meneando as ancas, projetando os seios. A música pulsa por todo o meu corpo, o baixo a revibrar-me no peito e a disparar o meu coração numa sinfonia de caos e rebelião.

Sentir os olhos do Eli é um elixir tóxico a rodopiar e a borbulhar em mim, uma combinação que garante uma fuga temporária à realidade e uma falsa noção de realização.

O Ollie corresponde aos meus movimentos, tocando-me, acariciando-me e embarcando nisto por completo, mas não é a ele que estou atenta. Nunca quebro o contacto visual com o dilema apoiado no bar, cujos olhos continuam desligados e completamente inalterados pelo meu espetáculo.

Então, entrelaço os dedos no cabelo, puxando-o para cima, e mordo o lábio inferior enquanto fito a sua alma negra.

— Vai-te foder — pronuncio silenciosamente.

Então, e só então, ele reage. O canto da sua boca estremece e curva-se num sorriso entretido e sádico, antes de dar um grande gole na sua bebida.

Uísque. Malte. Sem gelo.

Odeio o facto de saber todos estes pormenores sobre ele. Gostava de ser atingida por uma amnésia que me fizesse esquecer-lo, simplesmente, bem como à sua bebida favorita, às suas escolhas de vestuário, e a toda a sua personalidade maldosa.

O Ollie aproxima-se até estar praticamente colado a mim. O seu odor desagradável e almiscarado quase me sufoca, mas forço-me a aguentar e percorro-lhe com o indicador a face com barba por fazer, tentando concentrar-me nele.

Dando ao Eli o espetáculo que ele pediu.

Não entendo porque ele não me deixa em paz quando é claro que não tem qualquer interesse em mim, mas raios me partam se não vou entrar no jogo dele.

Hoje, pelo menos.

Na grande maioria do tempo, fujo dele como da peste. O que foi? Não estou sempre bêbeda e, no que diz respeito ao Eli, a minha coragem — ou parvoíce impulsiva — depende muito do nível de álcool e drogas que me correm nas veias.

Levanto a cabeça, mas os meus movimentos esmorecem quando vejo o seu banco no bar vazio. Uma desilusão estranha e esmagadora aperta-me o peito, e detesto-a com todas as minhas forças.

Mais do que odeio aquele homem.

O telemóvel vibra no meu sutiã e dou um salto, depois liberto-me do Ollie para ver do que se trata.

**Ariella:** Liga-me. É uma EMERGÊNCIA!

O meu coração dá um salto quando saio da pista de dança a correr, ignorando os protestos do Ollie e dos outros, e subo para a sala VIP que aluguei para a noite. Fecho a porta nas minhas costas e percorro o espaço piroso com paredes pretas e sofás de couro sintético.

A minha irmã mais nova atende poucos segundos depois.

— Ava!

— O que foi? — Engulo em seco. — O que aconteceu? Os pais estão bem?

— Estão ótimos.

— A avó e o avô?

— A curtir a vida a bordo de um cruzeiro no Mediterrâneo.

— OK, então qual é a emergência?

— Achei que era a melhor maneira de conseguir que me telefonasses.

Solto um longo e torturado suspiro, apoiando-me na lateral do sofá.

— Ari, sua sacaninha, ias-me matando de susto.

— Oh, vá lá. Não mais do que tu me assustaste hoje, durante a competição, só para depois nos ignorares por completo.

— Eu não vos ignorei. Além disso, foi... nada.

— Só se «nada» quiser dizer ficar petrificada a meio de uma nota durante, tipo, cinco minutos, e depois sair do palco a correr...

— Tive... um bloqueio.

*De sentidos. De existência.*

*Deixei de ser eu naquele momento, literalmente.*

— E não podias, sei lá, falar disso connosco?

— Para ficarem com pena de mim?

— Para te apoiarmos, totó! Os pais estão preocupados contigo.

Mordo o canto do lábio. Como raios é que posso ser assim, quando isso deixa todos os que amo preocupados com a minha saúde mental?

— Falamos amanhã, quando me passar a ressaca. Podes dizer aos pais que está tudo bem comigo e que estou ocupada a treinar para a próxima competição?

— Está bem. Quanto é que me pagas para mentir?

— Oh, vá lá. Tu adoras mentir.

— Mas ainda adoro mais que me paguem. — Consigo imaginá-la a sorrir, como uma psicopata. — Que tal se me arranjares o horário do Remi desta semana, e ficamos quites?

— Ari, és a minha irmã mais nova e eu amo-te, mas tens de começar a perceber quando um homem não está interessado em ti, e seguir em frente.

— Não foi o que fizeste quando te atiraste aos pés de um Eli muito pouco interessado em ti.

Levo a mão ao cabelo e pigarreio.

— E segui em frente num piscar de olhos. Aliás, eu odeio Aquele-Cujo-Nome-Não-Deve-Ser-Dito.

— E fazes muito bem, mana.

— Se calhar, devias fazer o mesmo?

— Nah. O Eli não tem sentimentos, nem um grama de emoção humana. O meu Remi é diferente. É amoroso, um cavalheiro, e é o sonho de qualquer mulher. Só precisa de um empurrãozinho para reconhecer o amor da sua vida, ou seja, eu.

Sorriso contra a minha vontade.

— Não vais desistir, pois não?

— Só depois de ter uma aliança no dedo.

— Jesus. Estás a pensar em casar-te aos dezoito anos?

— Sou apaixonada por ele desde os onze. Para ser franca, já perdemos sete anos.

— Meu Deus.

— Voltando ao assunto anterior, vais arranjar-me o horário dele, Ava?

— *Nope.*

— Será que vale mesmo a pena perderes o meu apoio quando os pais apertarem contigo para ouvir uma explicação? Pensa bem, mana.

— Uh, que grande sacana me saíste.

— Saio à sacana da minha linda irmã. Muahaha.

Estou prestes a chamar-lhe uma série de nomes criativos quando ouço o clique da porta a abrir-se nas minhas costas.

— Só um minuto, Ollie...

As palavras morrem-me na boca quando me viro para a porta e me vejo imediatamente encurralada nas profundezas daqueles olhos.

Frios. Indiferentes. Tempestuosos.

Engulo com dificuldade, sem me preocupar se a minha irmã ouve.

— Ligo-te mais tarde.

— Só se me arranjares o tal horário. Xaaaau.

Ela desliga a chamada, e esse tinido repentino quase me faz saltar. Contudo, isso não se deve à Ari, mas sim ao homem cuja altura e largura me bloqueia a saída por completo.

Endireito-me, obrigando-me a atirar os ombros para trás, mas é inútil tentar que descontraíam.

— A que devo este desprazer?

Sinto orgulho no aborrecimento que a minha voz deixa transparecer. Foi preciso muita prática para me mostrar tão fria e indiferente em relação a ele.

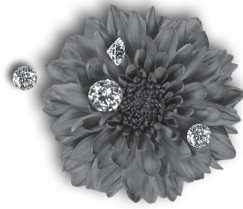
O Eli afasta-se da porta e, apesar de já não me bloquear a saída, a sua presença invade os meus sentidos por uma fração de segundo.

Imponente. Intimidante. Sufocante.

Não consigo desviar o olhar, porque sei que basta um passo em falso para ficar fora de jogo.

Um movimento em falso, e arranco outro pedaço da minha alma colada a cuspo.

— A verdadeira questão é... — A sua voz suave, profunda, toca a minha pele quente como um chicote. — O que fizeste para me dever esse desprazer, Ava?



## DOIS

*Ava*

**H**á muito, muito tempo, quando eu era mais nova e mais tola, olhava para este homem como se ele fosse um deus.

O único deus tangível. Um que eu podia ver de perto, em pessoa. Um que eu podia adorar sem temer nenhum sistema de recompensa e punição.

Era-lhe dedicada como uma fanática religiosa e uma fundamentalista lunática, até que a grandiosidade se despedaçou diante dos meus olhos.

Afinal, o deus nunca foi um deus. Assemelha-se mais a um demónio: pecaminoso, sedutor e destrutivo.

Agora, compreendo porque é que as pessoas que abandonam uma religião lhe votam tanto desprezo. Compreendo perfeitamente porque é que a sabotam, lhe mancham o nome e escrevem palavras de ódio a seu respeito em fóruns obscuros *online*.

Quando nos dedicamos a um deus que não merece e arruinamos as nossas vidas por causa disso, é inevitável que o odiamos, para não termos de odiar a versão estúpida de nós próprios que, outrora, o adorava.

Quando eu seguia esse deus como um cãozinho apaixonado e ele olhava para mim quando o rei fazia anos, quase tive um ataque cardíaco por conta da excitação. Tinha sorte sempre que recebia algum tipo de reconhecimento por parte de um homem que tinha miúdas a caírem-lhe aos pés, mas era a única que podia aproximar-se dele.

Agora, percebo do que se tratava: indiferença.

O meu olhar indiferente cruza-se com o olhar gélido do Eli.

— Oh, desculpa. Insinuaste que me importo com a tua opinião em relação a alguma coisa que faça?

Ele aproxima-se silenciosamente, suavemente, quase assustadoramente. Sou forçada a inclinar a cabeça para trás para olhar para ele.

Odeio o facto de ele ser alto, embora eu esteja longe de ser baixa.

É que o Eli foi feito para olhar de cima para baixo para a maioria das pessoas, e fá-lo mesmo bem, com uma pitada de arrogância e uma dose doentia de descaso total.

Ele arranja maneira de que os outros sintam que não valem mais do que um grão de pó debaixo do seu sapato.

Percebo que é por causa do rosto atraente. Ele nasceu com um aspeto superior, graças aos pais e sem que tenha contribuído para isso. Um rosto que faz as pessoas pararem e olharem para aquele maxilar estupidamente definido, maçãs do rosto perfeitamente proporcionais e lábios incrivelmente carnudos.

Mas a característica mais notável do Eli sempre foram os olhos misteriosos.

Dizem que os olhos são a janela da alma, mas é impossível saber o que lhe vai na cabeça, por muito tempo que se passe a estudar-lhos. São profundos — tão profundos que fui mais uma vez puxada para o seu interior. Eu lutei, debati-me e ansiei por ser a única que os compreendesse.

Ainda bem que agora estou livre dessa névoa e não me importo com os planos demoníacos que ele cultive.

Ele detém-se a alguns passos de distância, mas é o que basta para inundar os meus sentidos com o seu perfume, algo subtil e masculino e, sem dúvida, feito para ele em exclusivo, porque nunca senti esta fragrância noutra lugar.

— É evidente que não te importas com a minha opinião.

— Claro que não. — Cruzo os braços para impedir que as minhas mãos revelem o meu estado mental. Se há algo que aprendi sobre o Eli, é que ele é um manipulador exímio e um predador que não hesita em usar as fraquezas das pessoas contra elas. Arruína-as graças a esses momentos de potencial perda-de-controlo. Destrói-as por completo, até não sobrar nada.

— Mas importas-te o suficiente para armares espetáculos amadores à minha frente. — O leve tom alegre na sua voz apanha-me desprevenida.

— Talvez aches que és o Sol e que o mundo gira à tua volta, e detestaria estragar essa ilusão, mas não, nenhum espetáculo que eu arme é para ti.

— Mesmo quando estiveste a olhar para mim o tempo todo enquanto agias como uma *stripper*?

Obrigo-me a sorrir, recusando-me a cair na sua provocação.

— Tu sabes como eu sou. Adoro dar atenção aos admiradores.

Um sorriso forma-se no canto dos seus lábios.

— Então, agora sou um dos admiradores?

— Claramente. Ou não andarias atrás de mim como um tolo. Desculpa, não fazes o meu tipo.

— É nesta parte que me ajoelho e imploro?

— Receio que isso não seja suficiente.

— E se eu te mandar flores e uma caixa de chocolates?

— Nada original. Tens de te esforçar mais.

— E se eu chorar na almofada?

— Só se eu puder testemunhar ao vivo.

— Então tenho uma hipótese. Fantástico.

Solto um suspiro exasperado, pondo fim à conversa estúpida. Odeio o seu divertimento descarado sempre que me irrita por diversão. Mas o que mais desprezo é o facto de continuar a cair todas as vezes.

— O que queres, Eli?

— De ti? Nada.

— E, no entanto, estás a assombrar-me como um fantasma vingativo.

— Mais como um daqueles fantasmas travessos que pregam sustos de morte só para se divertirem.

— Ah, ah. Pronto, ri-me. Acabou?

— Devias estar com medo.

— Oh, espera. — Levanto as mãos e protejo o rosto, fingindo que estou a assistir a um filme de terror. — Estou mesmo aterrorizada. Mesmo assustada. Tira-me desta cena de filme rasca. Já chega para ti, por hoje?

— A tua alça caiu. — Ele aponta para o meu peito.

Eu movo a mão instintivamente, antes de olhar para baixo e ver que a alça está no seu lugar.

Um traço de irritação vem juntar-se aos níveis abundantes de irritação anteriores, e estreito os olhos na direção dele.

— Não caiu? Enganei-me. — Ele não parece nem um bocadinho arrependido. — Mas, uma vez mais, não terias de te preocupar com isso se não estivesses vestida como uma *stripper*.

— Eu chamo-te quando ligar a ponta de um corno à tua opinião a meu respeito.

— És engraçada.

— E bonita e popular. Onde queres chegar?

— E delirante, também. Ao que tudo indica.

— Não. Isso deixo para ti. — Levo a mão à anca. — Agora, se me dás licença, tenho pessoas bem melhores à espera.

Passo por ele, com a cabeça erguida, pronta para guardar este infeliz encontro junto de todos os anteriores.

— Ouvi dizer que fizeste figura de parva hoje. Outra vez. — Os meus saltos batem no chão quando paro abruptamente e me viro para o encarar.

De repente, estou sedenta. De álcool.

Ou de alguma coisa que seja capaz de aliviar a dor persistente na base da minha garganta.

Cruzando os braços, adoto o meu tom mais zombeteiro.

— Calma aí, campeão. Vê se controlas essa tendência para me perseguir, tá?

— Não te armes em sarcástica comigo, Ava. O que foi desta vez? Os comprimidos não funcionaram?

— Vai-te foder — rosno.

— Não estou interessado em contrair o ninho de DST dos falhados com quem te relacionas.

— Não estão pior do que as tuas amigas da foda.

— As minhas amigas da foda fazem sempre exames, ao contrário dos viciados em drogas com quem te enrolas. E não tentes mudar de assunto. Porque fugiste desta vez? O que viste? Ou não viste?

Abro os lábios e olho-o como se estivesse a ver um extraterrestre. O que sabe ele? *Como é que sabe?*

Não faz sentido.

Claro que, uma vez que as nossas famílias são próximas e a mãe dele é minha madrinha, ele está ciente da minha condição. Mas, como os outros todos, deve pensar que é depressão, ansiedade e algum caso ligeiro de psicose. Poderia deduzir daí os medicamentos e, considerando a sua queda para a perseguição, talvez descobrisse o álcool e as drogas ocasionais.

Mas só isso.

Não há hipótese alguma de ele saber o que me consome por dentro.

Levanto o queixo.

— Não faço ideia do que estás a falar.

Ele estreita os olhos. Cinzentos. Tempestuosos. Calculistas.

Consigo vê-lo a elaborar um plano para me convencer a falar, mas, se não funcionar, tenho a certeza de que vai forçar-me a abrir a boca. Mesmo que eu grite e esperneie.

Principalmente, se eu gritar e espernear.

— Fala, Ava. Não me obrigues a recorrer a métodos desagradáveis que ambos sabemos que não consegues suportar.

Por baixo do vestido, o meu corpo é invadido por uma onda de calor, e a temperatura da sala sobe de repente. A minha garganta seca, e fica extremamente difícil engolir.

— Não sabia que estavas tão preocupado comigo. — Mostro-lhe o meu sorriso mais doce. — Estou comovida.

— Preocupado? Diz antes envergonhado.

— Terias de te importar para ficares envergonhado com as minhas ações, e ambos sabemos que essa emoção não existe no teu arsenal.

— Existe no da minha mãe. Ela ligou-me para perguntar sobre o teu, e cito, «estado mental preocupante».

O que mais odeio no Eli é que a mãe dele é a Elsa King, também conhecida como minha madrinha e segunda figura materna depois da mamã.

Às vezes, não consigo acreditar que uma mulher tão atenciosa e absolutamente perfeita tenha trazido este demónio ao mundo. Estou surpreendida por ele não a ter devorado enquanto estava no útero, como um parasita.

— Eu mesma falarei com a tia Elsa. Não te metas nisto.

— Só se parares de ser um autêntico desastre. Estás a tornar-te uma vergonha para a família. Tenho a certeza de que o teu avô, ex-primeiro-ministro, desaprovava o teu estilo de vida escandaloso se saísse nas revistas sensacionalistas.

Aperto os dentes com tanta força que sinto uma dor na mandíbula.

— Obrigada por essa preocupação comovente. Talvez devesse parar de andar tão obcecado com a minha vida. O desespero não te fica bem.

— Porque a ti fica melhor? — Os seus lábios voltam a curvar-se daquela maneira irritante, e preciso de toda a minha força para não lhe dar uma bofetada.

— Se já terminaste... — Começo a caminhar em direção à saída, mas ele atravessa-se à minha frente, bloqueando a luz, a porta e o oxigénio.

O Eli tocou-me pela primeira e última vez há quatro anos, quando eu tinha dezassete anos, e acabou com o meu aniversário, transformando-o num desastre vergonhoso.

Desde então, nunca mais o fez. Nem sequer por acidente. Mas isso não impede que o seu calor me envolva e o seu cheiro me assalte todos os sentidos.

Para um sacana tão frio, ele é uma autêntica brasa.

— Vai para casa, Ava.

— Desde quando é que tens o direito de me dar ordens?

— Desde que estás claramente incapaz de pensar. Não leves ninguém para casa. Não conduzas. Apanha um táxi e vai-te embora.

— Ah, não te vais oferecer para me levar?

Ele levanta uma sobrancelha perfeita.

— Aceitarias a oferta?

— Não.

— Então, de que me adianta fazê-la?  
— Agradar-me, talvez?  
— Os outros já te agradam quanto baste. Não pretendo fazer parte da lista.  
— Não farás parte de nenhuma lista, aliás.  
— Discutível. — Ele aproxima-se, o calor do seu corpo envolvendo-me como uma nuvem ameaçadora, enquanto a sua voz áspera se torna mais grave. — Agora, vai-te embora.  
— A resposta é não.  
— Por despeito?  
— Não és o meu guarda-costas.  
— Como queiras, se isso faz com que durmas melhor.  
— O que quer isso dizer?  
— Vai para casa — repete, e vira-se para sair. Quando chega à porta, lança-me um olhar sombrio por cima do ombro. — Sozinha.

Resisto à vontade de lhe mostrar o dedo do meio enquanto continuo ali, furiosa, com o corpo quente e o coração a bater com tanta força que me surpreende que não se derrame sobre o tapete feio da sala.

O meu estado é de uma desorientação tão extrema que preciso de algum tempo para me recompor.

Dez minutos depois, dou com o caminho de volta para a pista de dança. Que se lixe o Eli e as suas ordens, que de jeito nenhum serão cumpridas. Deixo-me absorver por um redemoinho de êxtase, uma mistura de substâncias e emoções que me transportam para um reino de felicidade hedonista. Entre almas perdidas e conchas vazias, encontro consolo e aceitação, um sentimento de pertença que faz com que tudo o resto desapareça para segundo plano.

Então, bebo outro *shot*, danço quase até cair e concordo em juntar-me ao Ollie e a outros num *after-party*.

Que se lixe o Eli.

Que se lixe o violoncelo.

Que se lixe a porra da minha cabeça.

Quando saímos, já passa da uma da manhã.

Eu não devia conduzir, mas a casa do nosso amigo Raj fica a uns dez minutos de distância e as ruas estão vazias a esta hora, pelo que deve correr tudo bem.

Além disso, aguento bem a bebida, pelo que nem sequer estou assim tão bêbeda. Apenas bêbeda o suficiente para ver o mundo através de lentes cor-de-rosa, a minha cor favorita.

Cambaleio até ao carro e digo aos outros para irem à frente. O Ollie oferece-se para me levar, mas recuso com um sorriso.

Antes de sair do estacionamento, mando uma mensagem à Cecily a garantir que estou em casa, como a grande mentirosa que sou. Mas faço-o porque ela não será capaz de dormir se souber que ainda ando por aí.

O que a Cecy e os meus pais não sabem é que rejeito a ideia de passar tempo desnecessário sozinha.

Jesus. Não acredito que vou formar-me daqui a algumas semanas. O que farei sem o resguardo que a universidade me oferece?

Fazer outros grupos de amigos fora da universidade? Entrar em mil e uma discotecas?

Preciso desesperadamente de me manter longe dos meus pais antes que eles descubram tudo.

Com um suspiro, empurro todos esses pensamentos para o fundo do meu armário mental enquanto retoco a maquilhagem.

O telemóvel vibra e eu congelo quando vejo que é uma mensagem do Eli.

**Homem de Lata:** Vais para casa?

**Eu:** Telemóvel novo. Quem é?

**Homem de Lata:** É bom que estejas a caminho de casa.

**Eu:** Por cem libras, adivinha onde estou.

Tiro uma *selfie* a fazer beicinho e envio-lha, depois silencio o telemóvel e saio do estacionamento. Quase esbarro numa parede, mas a câmara do carro salva-me a tempo.

Ups.

Sigo o GPS e dou o comando de voz para o carro pôr música a tocar. A *Cello Suite nº 2 em Ré menor*, de Bach, enche o espaço, e eu solto um som de irritação quando carrego no botão do rádio e passo a ouvir música *pop*.

É oficial, eu e a música clássica vamos divorciar-nos.

Foi o que eu disse depois da minha última tentativa falhada de ganhar outra competição no ano passado.

E, mesmo assim, voltei este ano. Só para passar ainda mais vergonha.

*O que viste? Ou não viste?*

As palavras do Eli de há pouco dão-me um arrepio na espinha. Ele não pode saber, certo?

Ninguém sabe...

Olho para o espelho retrovisor e reparo num carro a seguir-me de faróis apagados.

Há quanto tempo estará ali?

Olho para a frente, mas a estrada está livre.

Merda.

OK.

Sacudo a cabeça para recuperar a concentração e acelero, um pouco acima do limite de velocidade.

O carro acompanha o meu ritmo acelerado e o meu coração começa a bater a um compasso assustador. Dou um comando de voz ao telemóvel para ligar para a polícia.

Nestas situações, nenhum cuidado é de mais. Mesmo que eu esteja a atribuir-lhe demasiada importância.

Chego a um cruzamento e travo quando um carro passa a toda a velocidade. Jesus. Um *BMW*. Sem surpresas.

O carro suspeito detém-se atrás de mim quando alguém atende.

— Departamento de Emergência da Polícia Metropolitana. Em que posso ajudar?

— Estou a ser seguida por um carro estranho sem luzes — digo, e volto a pisar o acelerador, impulsionando o carro para diante a uma velocidade repentina. O meu corpo é atirado para trás enquanto os pneus chiam.

— Preciso que mantenha a calma, menina. Posso saber o seu nome?

— Ava... Ava Nash.

— Posso tratá-la por «Ava»?

— Sim.

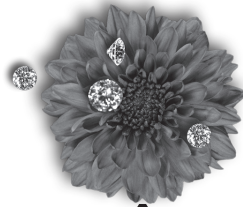
— Pode dizer-me onde está, Ava?

— Não sei exatamente. Perto da M25. Espere... — Dou uma olhadela ao GPS e, de seguida, ouço o barulho alto e insuportável da buzina de um camião antes de as suas luzes ofuscantes me cegarem.

Viro o volante com toda a força enquanto piso o travão. O carro derrapa à medida que rodopio e volto a rodopiar, e então ouço um estrondo nauseante.

A última coisa que vejo são os olhos que me seguem por toda a parte.

Escuros. Frios. Destrutivos.



## TRÊS

*Ava*

**S**into um sabor amargo na base da minha garganta seca. Tusso, mas engasgo-me, o som a sair-me dos pulmões em espasmos longos e tortuosos.

À minha volta, a escuridão materializa-se com uma finitude deprimente, e perco por completo qualquer consciência física do meu corpo.

Não sei onde estou.

O ambiente está mergulhado numa escuridão total.

A minha cabeça também mergulha nessa escuridão enquanto tentáculos de mãos sombrias me seguram.

Apercebo-me de um som estrangulado na minha barriga, e do nó apertado de um ataque de pânico que me cinge a garganta.

Não...

Não...

Não.

Abro os olhos e, lentamente, quase como num documentário em câmara lenta, deixo-me envolver pelas cores granuladas da realidade.

A ligeira condensação contra a máscara de oxigénio presa ao meu rosto surge primeiro, seguida de paredes brancas ofuscantes.

A escuridão desfaz-se na minha visão periférica com um movimento serpenteante e, com isso, a minha consciência regressa aos poucos.

Uma máquina a apitar.

O cheiro a hospital e a óleo essencial de menta.

O retorno gradual do meu corpo físico à realidade.

O meu nome é Ava Nash. Tenho vinte e um anos. Adoro música clássica e ler romances escandalosos que envolvam corpetes a ser arrancados. Vejo

comédias românticas piegas ou documentários sobre crimes reais — nada pelo meio. Sou meio obcecada por cor-de-rosa, consigo passar dias a comer algodão-doce, não me canso de pipocas com caramelo salgado e posso sobreviver só com *smoothies*, desde que tenham morangos.

Como acontece sempre que tenho os meus episódios, repito o mantra habitual que aprendi sozinha. É uma forma de provar a minha existência à versão sombria de mim mesma. A versão que parece esquecer o mundo inteiro e sucumbe a uma paralisia assustadora por longos períodos de tempo.

Respiro com calma à medida que os resquícios da névoa se dissipam e mexo os dedos dos pés. É um hábito que adquiri para confirmar que estou aqui. No presente.

O meu outro eu não tem a capacidade de mexer os dedos dos pés. Uma vez, vi umas imagens de videovigilância da nossa casa. Pareço robótica quando estou nesse estado — demasiado rígida, demasiado apática.

Demasiado perdida.

A sensibilidade do meu corpo volta aos poucos, e é então que sinto que a minha mão direita está quente.

*Muito* quente.

Tento virar a cabeça para o lado, e o farfalhar da almofada preenche o espaço silencioso.

— Ava?

Notas profundas e ásperas penetram no meu cérebro enevoado, e é-me difícil lembrar de como respirar.

O Eli segura a minha mão entre as suas e olha-me fixamente da cadeira ao lado da cama.

Pensei que já estivesse acordada.

Será que isto é outro episódio — ou, pior ainda, um pesadelo?

Engulo em seco, mas sinto um nó na garganta. Então, mexo os dedos dos pés novamente e, sim, ainda estou a mexer-me. Isto é real.

Como...?

Olho para o rosto brutalmente bonito do Eli, como se ele fosse explodir com respostas para a sua presença bizarra nas minhas proximidades.

Por alguma razão, ele parece mais velho do que da última vez que o vi. O queixo severo está coberto de barba por fazer e o seu cabelo está mais comprido, desalinhado e penteado com os dedos. Também me parece um pouco cansado, os lábios sem cor, como se estivesse constipado.

Esperem.

O cabelo pode crescer em poucas horas? Um dia?

Dois?

Estreito os olhos, tentando lembrar-me da última coisa que aconteceu. Eu estava a ir para uma festa depois da discoteca com o Ollie, o Raj e os outros, mas depois... eu...

Um carro de luzes desligadas.

O telefonema de emergência.

Luzes ofuscantes.

Um camião.

Um acidente.

Olhos tempestuosos, sérios e desprovidos de alma.

Os mesmos olhos que agora estão fixos em mim.

— Ava? Consegues ouvir-me?

O tom áspero da sua voz quase desencadeia um ataque de pânico ainda mais intenso. O meu coração acelera e as máquinas enlouquecem. Mais loucas do que a nota de falsa preocupação na voz dele.

Ele pragueja baixinho e empurra algo por cima da minha cabeça enquanto me acaricia o rosto.

— Respira, Ava. Porra, vamos lá, linda. Respira.

Na verdade, eu deixo de entrar em pânico por um segundo, porque... o quê? O que está a acontecer?

Ele chamou-me *linda* e está a tocar-me. Na verdade, ele está a tocar-me desde que acordei.

O Eli nunca me toca.

Quanto mais fito os olhos dele, mais a minha respiração abranda. Estão diferentes. Mas como...? Porquê...?

— É isso. Linda menina.

O meu coração dispara e a respiração fica entrecortada. As máquinas emitem um *bip* mais alto e o mundo agita-se no seu eixo.

O Eli acabou de me chamar linda menina?

O Eli King?

Oh.

Afinal, devo estar a sonhar. Vamos torcer para que não se transforme num pesadelo em que ele me enfia uma lança no peito e se ri como um maníaco enquanto o meu sangue espirra para os seus preciosos sapatos.

Fecho os olhos e esforço-me para voltar à realidade. Isto é tão cruel, mesmo para os padrões de sonhos estranhos que costumo ter.

— Ava... abre os olhos. Olha para mim.

Eu olho para ele e arrependo-me de imediato. Os seus olhos cinzentos sombrios estão tão furiosos quanto um furacão e tão tentadores quanto a porra do diabo.

— Estás a sentir-te bem?

As palavras não combinam com a sua expressão. Soa preocupado, mas parece entediado. Frio. Indiferente.

Como o Eli a que estou habituada e o Homem de Lata que todos conhecemos e odiamos.

Este impostor devia pôr-se a andar ou, pelo menos, esforçar-se mais para soar sarcástico e insuportavelmente irónico, como o Eli verdadeiro. Dois em cinco no *Trustpilot* — poderia melhorar as suas habilidades de imitação.

Tiro a máscara do rosto com uma facilidade que não esperava. Honestamente, depois daquele acidente, com um camião, ainda por cima, esperava morrer ou, pelo menos, ficar paralisada para o resto da vida. Na melhor das hipóteses, sair daqui com alguns ossos partidos. Olho para mim mesma, para as minhas mãos, e volto a mexer os dedos dos pés.

Nada.

Não há forma de eu ter saído ilesa daquilo.

Calma aí. O acidente foi um sonho?

No entanto, se tivesse de apostar, diria que a situação atual é que é o sonho, e não a outra.

Talvez eu esteja morta e isto seja fruto do esforço de um anjo benevolente, a tentar proporcionar-me uma experiência onírica daquilo que não pude usufruir em vida.

Incrível. Morreu aos vinte e um anos. Que desperdício de potencial.

Mas talvez seja um bom desfecho, tendo em conta todas as merdas que me têm acontecido ultimamente. E o fardo que tenho sido para as pessoas mais próximas.

Começo a sentar-me, depois detenho-me. O Eli ajuda-me e põe-me uma almofada nas costas, para me deixar confortável.

Talvez eu esteja desfigurada e ele se mostre solidário? Ele não é assim.

Se a solidariedade encontrasse o Eli num beco, e furasse o próprio olho, ele iria limitar-se a pisá-la e a seguir o seu caminho com toda a ligeireza.

Toco na minha face e a textura é a normal. Sem ligaduras. Hum. Sinceramente, estou confusa.

— O que estás a fazer aqui, Eli? — A minha voz soa baixa, rouca, um tanto estranha, como se eu tivesse passado dias a gritar.

O Eli ergue-se em toda a sua estatura, parecendo majestoso com uma camisa preta e calças cinzentas. A sua presença magnânima e a sensação de intimidação que me invade sempre que estou perto dele esmorecem perante um fenómeno diferente.

Os seus olhos.

Pela primeira vez na minha vida, vejo-os aumentar de tamanho. São de um tom de cinzento mais claro, parecido com um dia de verão nublado.

— Repete. — Ele fala devagar.

— O que estás a fazer aqui, Eli? — A minha voz deixa transparecer a irritação, e tenho de engolir o desconforto.

Antes que ele possa responder, vejo a silhueta dos meus pais a entrarem pela porta. Ambos têm chávenas de café e falam em voz baixa.

Creio ouvi-los dizer «*outra vez*» e «*já não é viável*». Endireito-me para escutar, mas ambos se detêm quando levantam a cabeça e me veem.

Sou invadida por uma onda de conforto misturada com um toque de inquietação. Caramba. Evitei-os o máximo que pude depois da competição, mas um carro desconhecido sem luzes trouxe-nos a esta cena nada glamorosa.

— Olá, mamã, papá... — digo, num tom culpado, e paro quando me parecem absolutamente chocados, como se eu fosse um fantasma.

Algo está errado.

Ambos parecem exaustos, como se tivessem envelhecido cinco anos desde a última vez que os vi. O meu pai, Cole Nash, é um homem bastante calmo e um pai extremoso, mas, neste momento, parece estar em suspenso. Os seus lindos olhos verdes, que sempre me recordaram a primavera e águas exóticas cintilantes, parecem meio mortos.

Ele também perdeu peso.

A minha mãe está pior. O seu cabelo louro brilhante, que herdei, está agora opaco e preso num rabo de cavalo, o que é incomum. A tez está pálida e o seu rosto parece abatido.

Silver Queens Nash é uma celebridade. E não porque o meu avô seja um ex-primeiro-ministro, a minha avó uma ex-política ou o meu pai um magnata da área dos negócios. É porque dirige várias instituições de caridade e trabalha arduamente para transformar o mundo num sítio melhor.

Foi ela que me ensinou empatia, simpatia, e a estar plenamente consciente dos meus privilégios e de como usá-los para ajudar os outros.

Os meus pais são a base da minha conceção elevada de amor, família e comunicação.

Eles mostraram-nos o nosso valor, a mim e à Ari, muito antes de termos idade suficiente para compreender o termo.

Por isso, mata-me sentir que os seus olhares vazios se devem a mim.

— Ava, querida... — A minha mãe envolve-me nos braços e aperta-me até quase me esmagar.

— Ela... — Vejo o olhar calculista do meu pai desviar-se para o Eli.

Os dois trocam um olhar de compreensão mútua antes de o meu pai assentir e soltar um suspiro fragmentado.

Que raio está a acontecer?

O meu pai nunca gostou do Eli. E quero mesmo dizer *nunca*.

Desde que ele tinha doze anos que o meu pai lhe chama psicopata, e entra com frequência em discussões acaloradas com o tio Aiden — o pai do Eli — a esse respeito.

Passou a odiá-lo ainda mais quando eu tive uma paixoneta estúpida pelo Eli, e insistiu para que eu ficasse longe daquele inútil, como se ele fosse uma fáiisca e eu uma casa cheia de gasolina.

Não há dúvida de que ele é a única pessoa que se entusiasma ao concordar comigo sempre que falo mal do Eli. Portanto, o facto de ele estar em sintonia com aquele a quem chama «delinquente em fuga» e «criminoso privilegiado» é, no mínimo, bizarro.

Parece que, afinal, estou a sonhar.

A mamã afasta-se, mas o seu toque não parece surreal. Consigo sentir-lhe o calor e cheirar o seu perfume de cereja favorito. É ela. A minha mãe.

— Estás a sentir-te bem, querida? — pergunta ela, afastando-me o cabelo do rosto.

O papá senta-se ao lado dela e olho para eles, depois para o Eli, que está atrás dos dois como uma parede, com as duas mãos nos bolsos e um olhar malicioso.

— Sim — respondo. — Papá. O se passa? Onde está a Ari?

— A Ari foi buscar-te uma muda de roupa. — O papá acaricia-me a mão. — Precisas de mais alguma coisa?

— Não... — Volto a distrair-me com o Eli, faço uma pausa, engulo em seco e depois solto um gemido. — A sério, o que faz ele aqui? Esperem. Vocês também estão a vê-lo, certo? Mamã? Papá?

A mamã lança um olhar furtivo para trás e, quando volta a olhar para mim com uma expressão preocupada, o meu coração bate com tanta força que quase vomito.

Será a minha imaginação outra vez?

Não.

Por favor, não.

— Onde querias que o Eli estivesse? — pergunta a mamã, com uma expressão confusa.

— É bom que ele tenha passado a noite toda ao teu lado. — A nota de repulsa que o papá nutre pelo Eli vem à tona, e eu solto um suspiro.

OK. Agora está tudo um bocadinho mais normal. Salvo a parte em que o papá quer que o Eli passe a noite ao meu lado.

E o facto de ele estar aqui, para começar.

— Lembras-te do que aconteceu, querida? — pergunta a mamã.

De repente, a tensão espalha-se pelo quarto. Sou atravessada por três pares de olhos, em silêncio, à espera de uma resposta.

Isto é que é pressão.

— Hum, sim. Liguei para as emergências antes do acidente porque estava a ser seguida por alguém... — Interrompo-me quando ouço um leve *tss* vindo do Eli, então fito-o de olhos semicerrados.

— Estavam a seguir-te dentro de casa? — pergunta o papá, com um tom estranho de cautela na voz.

— Estava lá mais alguém quando caíste das escadas? — pergunta a mamã.

— Escadas...? Não havia escadas. Era um...

Cerro os lábios quando o Eli abana a cabeça. Estreito os olhos.

— Não faz mal se estiveres confusa — diz o papá. — Tens estado sob muita pressão ultimamente, deixemos isso por agora. Estamos felizes por estares bem.

Aceno com a cabeça, mas a confusão atinge um nível sem precedentes. Vou adorar discutir isto com a Cecy.

— Onde está o meu telemóvel? — pergunto à mamã. — Quero telefonar à Cecy.

— Ela está a vir dos Estados Unidos.

Franzo a testa.

— Mas ela só ia partir na próxima semana.

— Ela está fora há mais de um mês, Ava — esclarece a mamã, numa voz suave, mas com o rosto ligeiramente mais pálido.

O quê? Não pode ser. Estivemos juntas há poucas horas.

Quando alguns médicos e enfermeiros entram, parecendo uma equipa privada, elegante e formal que alguém como o Eli — ou o papá — insistiria em contratar, guardo os meus protestos.

— Como se sente, senhora King? — pergunta o médico, e olho em redor à procura da tia Elsa, a mãe do Eli.

Ou talvez a tia Astrid, tia do Eli. Ou a avó do Eli. São as únicas senhoras King que conheço.

Não encontro nenhuma e desvio o olhar para o médico de cabelos brancos, que me observa com falsa simpatia.

— Senhora King? — insiste ele.

— Com quem está ele a falar? — sussurro, para ninguém em particular. — A tia Elsa anda por aqui?

— Ele está a falar contigo, Ava — diz o Eli, com um sorriso cruel nos lábios. — Nós casámos há dois anos, lembras-te?